

## **VEGANISMO E SUSTENTABILIDADE: UMA LEITURA SOBRE MODA ÉTICA NA ATUALIDADE**

---

*Ana Paula Provin*<sup>1</sup>

---

<http://dx.doi.org/10.19177/978-65-88775-08-0.33-49>

### **1 INTRODUÇÃO**

Dentro de um discurso antropocêntrico, atribui-se ao ser humano uma posição de centralidade em relação ao universo, surgindo, assim, pensamentos e argumentações a respeito do poder que o Homem exerce em relação ao seu espaço natural, por exemplo. Essa concepção vem sendo criticada e repensada por diversos estudiosos, originando novas formas de pensar a humanidade e as relações que estabelece com a natureza, originando termos como biocentrismo, sencientismo e o especismo.

Partindo para as relações estabelecidas no cotidiano, entre humanos e o meio ambiente, os animais, por exemplo, representam e assumem funções variadas. Pode-se dizer que, no contexto atual da sociedade ocidental, existe a cultura de se ter animais domésticos como companheiros de vida, em alguns casos, assumindo um papel significativo nas rotinas preestabelecidas, onde legislações são criadas para sua proteção. Em contrapartida, animais que historicamente foram concebidos como fonte de alimento e utilizados para outros fins, como matéria-prima para a confecção de roupas e acessórios, estão tendo outra visibilidade através de grupos ativistas. É com base nessa antítese de raciocínios que se encontram movimentos sociais e discussões de cunho político e ético que abordam a questão dos direitos animais.

Incluso no que é considerada uma cultura antropocêntrica, pode-se afirmar que, atualmente, a sociedade vivencia a cultura do consumo e do individualismo, onde consumir e criar a sensação ilusória de satisfação faz

---

<sup>1</sup> Graduada no Curso de Design de Moda, Mestranda do PPG em Ciências Ambientais da Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL). E-mail: ana\_provin@yahoo.com.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4441-5657>.

parte da maioria dos sujeitos. Com isso, o consumo exacerbado gera um ciclo de insaciabilidade, tornando o consumidor cada vez mais refém dos bens de consumo.

A partir do momento que se gera uma cultura individualista e consumista, as preocupações passam a ser outras como mostrar para si e para o outro a posse de materialidades que, conseqüentemente, podem vir a gerar uma aceitação social maior, por exemplo. No entanto, o “ter” acarreta outras questões tanto sociais quanto ambientais como a produção de lixo desenfreada e a despreocupação com a origem do produto.

Filosofias de vida como o veganismo fazem com que cada vez mais aconteçam discussões acerca dos direitos animais e seu bem-estar, estabelecendo uma relação com a alimentação humana e com questões ligadas ao vestuário, cosméticos e testes em laboratório. Da mesma forma, ao percorrer os discursos veganos, é inevitável o aparecimento de termos como sustentabilidade, moda ética e consciente. Diante desse contexto, o presente artigo tem por objetivo discorrer sobre a relação do veganismo e da sustentabilidade com a moda, através de estudos e análises bibliográficos.

## 2 VEGANISMO E SUSTENTABILIDADE COMO PILARES PARA UMA MODA ÉTICA

O conceito de vestuário e seus significados históricos, sociais e culturais são datados desde a pré-história, através de pinturas rupestres e ao longo do tempo com o descobrimento de escrituras e registros de outras épocas, no entanto, a ideia de moda nem sempre existiu<sup>2</sup>. O conceito de moda surge a partir do final da Idade Média, sendo possível reconhecer a moda como sistema, com suas mudanças contínuas e suas extravagâncias<sup>3</sup>.

Dessa forma, a moda passou por diversas mudanças ao longo das décadas e, junto a isso, atrelou-se a diversos significados e contextos<sup>4</sup>. Segundo

2 LURIE, Alison. **A linguagem das roupas**. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

3 LIPOVETSKY, Gilles. **O império do efêmero: a moda e seu destino nas sociedades modernas**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

4 Ibidem.

Lipovetsky<sup>5</sup>, ela pode ser considerada um dispositivo social identificado por uma temporalidade efêmera, podendo, assim, afetar diversos âmbitos da vida coletiva. Em face disso, pode-se ir além e perceber a moda como uma linguagem de signos, um sistema não verbal de comunicação, o que, em muitas vezes, acarreta informações em atitudes, gostos e pensamentos<sup>6</sup>.

Diante disso, ao longo do tempo, observou-se que o ato de se vestir não somente originou uma resignificação da preocupação com a visão “do outro” ou para “o outro”, mas também desencadeou, paralelamente, uma auto-observação e um investimento de si<sup>7</sup>. A moda não tem apenas a ver com a admiração de ver, mas também com o prazer de ser admirado<sup>8</sup>.

Por consequência, percebe-se um novo tipo de postura do sujeito perante a sociedade, isto é, a moda colaborou como um vetor de desenvolvimento do culto estético do “Eu”<sup>9</sup>. Em virtude disso, acarretou mudanças de comportamento social, afinal, os holofotes viraram-se para o *status* e a preservação do próprio “Eu”<sup>10</sup>. Segundo Lipovetsky<sup>11</sup>, fixou-se uma nova visão de individualismo, ou seja, o narcisismo origina o surgimento de um perfil do indivíduo que atribui suas relações consigo mesmo, com os outros sujeitos, com o mundo ao seu redor, e, conseqüentemente, o capitalismo autoritário cede espaço a um capitalismo hedonista e permissivo<sup>12</sup>.

Por conseguinte, percebe-se um novo perfil de indivíduo concretizado na sociedade, isto é, um sujeito preocupado com seu bem-estar, seu prazer e que visa às novas possibilidades que o mercado capitalista tem a oferecer<sup>13</sup>. Seguindo essa linha de raciocínio, Lipovetsky<sup>14</sup> afirma que o narcisismo foi criado pela constante fuga dos valores e intenções sociais, ocasionada pelo processo de distinção pessoal. Portanto, os mecanismos que ficam em

---

5 Ibidem.

6 LURIE, op. cit.

7 LIPOVETSKY, 1989, op. cit.

8 Ibidem.

9 Ibidem.

10 LIPOVETSKY, Gilles. **A era do vazio**: ensaios sobre o individualismo contemporâneo. Tradução de Therezinha Monteiro Deutsch. Barueri, SP: Manole, 2005.

11 Ibidem.

12 LIPOVETSKY, 2005, op. cit.

13 LURIE, op. cit.

14 LIPOVETSKY, 2005, op. cit.



torno da criação sócio-histórica da “aparência humana”, gerando o prazer, o bem-estar e a despadronização, concorrem para a promoção de um individualismo puro, isto é, a supervalorização do indivíduo<sup>15</sup>.

Desse modo, pode-se afirmar que surge um novo momento na sociedade pós-moderna, quando ocorre um aumento massificado de sujeitos que contemplam o narcisismo, a paixão pela individualidade e a admiração pela própria aparência<sup>16</sup>. Assim sendo, aparece cada vez mais a necessidade do consumo exacerbado para concretizar o “cuidado” e o “amor” por si próprio<sup>17</sup>. Segundo Jean Baudrillard<sup>18</sup>, a sociedade do consumo se relaciona com a busca incessante pela felicidade, sendo caracterizada como uma espécie de salvação do indivíduo e, conseqüentemente, assedia a força ideológica da civilização moderna. Constantemente, observa-se uma busca descontrolada do ser humano pela felicidade, seja ela para sua autoafirmação, seja ela para ressignificar a vida de cada sujeito, mesmo que para isso façamos parte da sociedade de consumo<sup>19</sup>.

No entanto, nem todo sujeito é pertencedor de uma classe social que lhe dá condições para adquirir tudo o que deseja<sup>20</sup>. Sendo assim, o consumo pode ser considerado uma instituição de classes, assim como a escola e outros aparatos sociais, pois a desigualdade não se encontra somente no sentido econômico e práticas reguladas pelo poder de compra, mas também dentro de uma compreensão mais profunda, pois a discriminação ocorre nos espaços de convívio e cultura, nos quais só alguns ascendem e, conseqüentemente, constitui-se a ideologia do consumo<sup>21</sup>.

Salienta-se que existe lógica racional para a sociedade de consumo, que não está apenas ligado à satisfação pessoal, mas à lógica da construção e domínio dos significados sociais<sup>22</sup>. Para Zygmunt Bauman<sup>23</sup>, o

---

15 Ibidem.

16 Ibidem.

17 Ibidem.

18 BAUDRILLARD, Jean. **A sociedade de consumo**. Tradução de Artur Morão. Lisboa: Edições 70, 2005.

19 Ibidem.

20 Ibidem.

21 Ibidem.

22 BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

23 BAUMAN, op. cit.



consumo desenfreado nem mais tem a ver com questões de necessidades, mas sim com o desejo incontrolável de “ter” por mero capricho. Seguindo esse raciocínio, pode-se afirmar que o consumismo de hoje não se refere mais à necessidade de satisfação da obtenção de objetos em si, mas à indispensabilidade da autoidentificação e da autoconfiança<sup>24</sup>. Por conseguinte, Bauman<sup>25</sup> discorre sobre o “*spiritus movens* da atividade consumista”, isto é, o consumo exacerbado não está mais articulado à necessidade, mas sim ao desejo ligado ao que é volátil, efêmero, evasivo e caprichoso.

Sendo assim, pode-se afirmar que um bom exemplo de desejo materializado pelo consumo efêmero e que exemplifica a citação acima foi a utilização de peles e couro como forma de alavancar o *status*<sup>26</sup>. Segundo Lurie<sup>27</sup>, houve uma época em que a população mundial de animais era proporcionalmente maior que a das pessoas, então, somente a utilização de pele de animais raros conferiam prestígio. Percebe-se que, dentro de um conceito hedonista, não bastava somente utilizar peles de animais. Para conseguir o verdadeiro *status* e a glorificação do outro era necessário peles incomuns, o que, conseqüentemente, traria a valorização do Eu<sup>28</sup>.

No entanto, assim como a sociedade se modifica, a moda também se reconfigura<sup>29</sup>. Conforme Alison Lurie<sup>30</sup>, nas décadas de 60 e 70, começaram as notificações de que várias espécies de animais estavam ameaçadas de extinção, fazendo com que, conseqüentemente, os casacos de pele se tornassem menos populares. Por conseguinte, ocorreram recusas de compra por parte de algumas consumidoras, e, porventura, algumas mulheres passaram a esconder seus casacos no fundo do armário. Atualmente, apesar de os casacos de peles de animais selvagens e raros continuarem a serem vendidos e usados, passaram a ser associados a desrespeito aos valores ambientais e a uma inclinação ligeiramente assassina<sup>31</sup>.

24 LIPOVETSKY, 2005, op. cit.

25 BAUMAN, op. cit.

26 LIPOVETSKY, 1989, op. cit.

27 LURIE, op. cit.

28 Ibidem.

29 LIPOVETSKY, 1989, op. cit.

30 LURIE, op. cit.

31 Ibidem.



Dentro desse contexto, faz-se necessário salientar algumas questões como, por exemplo, a clareza ao saber que a mudança comportamental do indivíduo não foi referente à preocupação com o meio ambiente ou ao bem-estar animal, mas sim pelo fato de que possuir casacos de pele perante a sociedade passou a ser algo inaceitável e, muitas vezes, cruel, ou seja, poderia ocasionar mal-estar ao próprio sujeito. Afinal, se a preocupação fosse com o animal em si, a utilização de outros animais também faria parte da discussão. Segundo Lurie<sup>32</sup>, usar o pelo do carneiro ou o couro do gado, por outro lado, é considerado coerente e ainda é aceito, exceto pelos veganos.

Em contraste à utilização de peles e outras fibras animais, as fibras vegetais foram ganhando visibilidade e aplicação na fabricação de tecidos e óleos<sup>33</sup>. Atualmente, existem diversos tipos de fibras: naturais, sintéticas e artificiais. Contudo, a maioria das fibras e suas formas de produção, assim como outras indústrias no ramo da moda, afetam diretamente a natureza, trazendo grandes impactos como, por exemplo, a poluição de rios, mares e solos (comprometendo direta ou indiretamente pessoas e animais) e, em alguns casos, trabalhadores devido às condições de trabalho<sup>34</sup>. Para Schulte<sup>35</sup>, o sistema da moda compromete a sustentabilidade ambiental e o consumo ético porque o padrão de fabricação de vestuários em geral não consegue ser popularizado sem provocar danos aos humanos e aos animais.

Neste sentido, até o produto chegar às mãos dos consumidores, existem diversas etapas de produção que podem acarretar danos diretos ou indiretos ao ambiente natural e à sociedade em geral<sup>36</sup>. Para Elena Salcedo<sup>37</sup>, diferentemente do que se poderia imaginar, o ciclo de vida de um produto não está relacionado às vendas e seu tempo de permanência no mercado, e sim à cadeia de processos do produto, desde a extração da matéria-prima até a eliminação de seus resíduos.

---

32 LURIE, op. cit.

33 SALCEDO, Elena. **Moda ética para um futuro sustentável**. Tradução de Denis Fracalossi. Barcelona: G. Gili, SI, 2014.

34 Ibidem.

35 SCHULTE, Neide Köhler. **Contribuições da ética ambiental biocêntrica e do veganismo para o design do vestuário sustentável**. 2011. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro, 2011.

36 Ibidem.

37 SALCEDO, op. cit.



Sendo assim, deve-se pensar na cadeia da moda não como algo linear e sim como um ciclo, porém, ambas as etapas se interligam e uma depende da outra para se legitimar<sup>38</sup>. Por conseguinte, para uma marca vegana e/ou sustentável, o ciclo, desde a plantação até a produção das fibras que não contêm origem animal (como no caso da preocupação do veganismo) ou com o fim dado pela cadeia industrial têxtil (preocupação com o meio ambiente), deve ser acompanhado, pois a escolha de uma fibra em detrimento de outra não deve depender unicamente de sua sustentabilidade nos primeiros estágios do ciclo<sup>39</sup>. Segundo Salcedo<sup>40</sup>, faz-se necessário observar todas as fases de fabricação do produto, desde o comportamento das fibras diante dos métodos de pintura e acabamento até a fase de gestão do fim útil da peça.

Percebe-se que a escolha de uma fibra, sendo elas naturais, sintéticas ou artificiais, acarreta diversas questões. Um exemplo disso é o algodão, que é uma fibra natural bem quista entre a clientela vegana<sup>41</sup>. No entanto, na cotonicultura, existe uma despesa de US\$ 2 bilhões em pesticidas anualmente, das quais quase a metade é considerada tóxica e classificada como alto risco pela OMS e, salienta-se, que o algodão é responsável por 16% do uso de inseticidas no mundo<sup>42</sup>.

Apesar da utilização de pesticidas ser umas das questões mais agravantes, não se pode deixar de mencionar a quantidade absurda de água e energia elétrica utilizada no processo de produção e cultivo de plantas<sup>43</sup>. Para isso, existem alternativas para o cultivo menos agressivo ao meio ambiente como, por exemplo, o algodão orgânico e o algodão reciclado<sup>44</sup>. Ressalta-se que existem alternativas de outras fibras como os biopolímeros, que são materiais sintéticos criados total ou parcialmente de matérias-primas renováveis, como o milho, a cana-de-açúcar ou o óleo de rícino, no lugar do petróleo<sup>45</sup>.

---

38 Ibidem.

39 FLETCHER, Kate; GRASE, Lynda (Org.). **Moda & Sustentabilidade**: design para mudança. São Paulo: Editora Senac, 2011.

40 SALCEDO, op. cit.

41 Ibidem.

42 FLETCHER; GRASE, op. cit.

43 Ibidem.

44 SALCEDO, op. cit.

45 Ibidem.



Assim sendo, junto às descobertas de novas fibras, as questões de sobrevivência e proteção foram sendo deixadas de lado quando o homem percebeu que poderia fabricar tais fibras em grande escala para prover lucros e mesmo com o desenvolvimento de fibras que não são de origem animal, a indústria têxtil continuou a utilizá-las percebendo que a natureza de forma geral poderia ser uma grande provedora<sup>46</sup>. Para Salcedo<sup>47</sup>, ao longo do desenvolvimento da espécie humana, esta se considerou superior às demais e entendeu a natureza como um complexo fornecedor de insumos à sociedade e à economia com todos os recursos para a produção de bens, alimentação, entre outros.

Observa-se, no campo da moda, que a cada ano ocorrem inúmeras inovações, tanto no que se refere à criação de novos tecidos, muito desses utilizando matéria-prima natural, quanto a tendências e aos nichos que nascem para atingir os variados públicos<sup>48</sup>. Entre os grupos que foram surgindo, alguns se preocuparam especialmente com a preservação da natureza e, junto a isso, uma gama de discussões políticas, éticas e culturais emergiram, como a moda vegana, que reconfigura a ideia de que os humanos não precisam se utilizar da vulnerabilidade de seres não humanos para o seu conforto e prazer<sup>49</sup>.

Para dar continuidade a essa abordagem, faz-se necessário contextualizar o termo veganismo. Em 1944, Donald Watson e Elsie Shrigley, fundadores da Vegan Society britânica, criaram o termo veganismo devido à compreensão da inadequação do conceito de vegetarianismo no que diz respeito a uma atitude ética coerente em relação aos animais não humanos<sup>50</sup>. Sendo assim, o conceito de veganismo nasce com o intuito de abordar não somente questões relacionadas à alimentação, mas também questões que abrangessem os direitos dos animais, descartando a sua objetificação<sup>51</sup>.

---

46 LURIE, op. cit.

47 SALCEDO, op. cit.

48 SALCEDO, op. cit.

49 SCHULTE, op. cit.

50 Ibidem.

51 Ibidem.

Segundo a Sociedade Vegana<sup>52</sup>, o veganismo é o modo de vida que procura extinguir qualquer configuração de exploração animal, na alimentação, no vestuário, em testes laboratoriais, na composição de produtos, no trabalho, no entretenimento e no comércio. Trata também da oposição em relação ao uso de animais em rituais religiosos, bem como a qualquer outro uso que se faça<sup>53</sup>.

Contudo, discursos acerca da relação humana com os animais já eram concebidos e realizados em outros tempos. Felipe<sup>54</sup> discorre em seu artigo “Antropocentrismo, sencientismo e biocentrismo: perspectivas éticas abolicionistas, bem-estaristas e conservadoras e o estatuto de animais não-humanos” sobre Plutarco, historiador, biógrafo, ensaísta e filósofo médio platônico grego, o qual admitiu haver nos animais, similarmen- te à natureza humana, sentidos, percepção, imaginação e inteligência e afirmou que a atrocidade com a qual os animais mortos para consumo são tratados barbariza o caráter humano, transformando-o igualmente indiferente ao sofrimento das pessoas e ao dos animais.

Por conseguinte, pode-se dizer que veganos possuem uma dieta alimentar vegetariana e fundamentam seu modo de vida numa ideologia que respeita os direitos animais, seu bem-estar e atuam em defesa e proteção de seus direitos<sup>55</sup>. Segundo Schulte<sup>56</sup>, para os veganos, os animais não existem como propriedades dos humanos, pois têm valor inerente, assim como o negro não existe para o branco, nem a mulher para o homem.

Dentro dessa discussão, fazendo uma analogia entre especismo, racismo e sexismo, Peter Singer<sup>57</sup>, em seu livro intitulado *Libertação Animal*, observa e realiza de maneira análoga as relações entre humanos e animais, pois se considerarmos com maior aspereza os nossos conhecimentos à discriminação com base na raça ou no sexo, não faria sentindo exigir

52 SOCIEDADE VEGANA. Disponível em: <<http://sociedadevegana.org/>>. Acesso em: 25 set. 2018.

53 Ibidem.

54 FELIPE, Sônia. **Antropocentrismo, sencientismo e biocentrismo**: Perspectivas éticas abolicionistas, bem-estaristas e conservadoras e o estatuto de animais não-humanos. 2009. Disponível em: <<https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/PF/article/view/864/1168>>. Acesso em: 2 out. 2017.

55 FELIPE, 2009, op. cit.

56 SCHULTE, op. cit.

57 SINGER, Peter. **Libertação Animal**. Tradução de Marly Winck. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.



igualdade para os negros, as mulheres e os outros grupos de humanos oprimidos e não o fizéssemos relativamente aos não humanos.

Segundo Singer<sup>58</sup>, para elucidar o embasamento da argumentação a favor da igualdade dos animais, seria útil começar com uma análise da argumentação a favor da igualdade das mulheres, assim como cita também a questão racial. A teoria busca expandir a esfera de consideração moral humana para que seja possível incluir os animais<sup>59</sup>.

Confrontando a tradição antropocêntrica, surgem vertentes como o biocentrismo e o sencientismo mostrando que as relações entre os seres estão além da moralidade e da racionalidade. Conforme os estudos de Sônia Felipe<sup>60</sup>, existem no mínimo três vertentes na ética contemporânea: a) a antropocêntrica, caracterizada pela evidência na detenção da razão como discernimento para acesso na sociedade moral na condição de sujeito de direitos morais; b) a senciocêntrica, caracterizada pela ênfase na sciência como parâmetro para entrada na comunidade dos seres virtuosos de apreço moral; e c) a biocêntrica, que não privilegia nem a racionalidade, nem a sensibilidade mental, ao definir quem são os sujeitos morais, mas o bem-próprio, considerado um valor inerente à vida, algo que a ética deve preservar.

Seguindo as correntes senciocêntricas e biocêntricas, percebe-se que os seres humanos não são os únicos provenientes de sciência e com direitos à vida e, conseqüentemente, surgem grupos ativistas preocupados com o bem-estar e os direitos animais<sup>61</sup>. Partindo desse pressuposto, é possível fazer com que haja entendimento por parte das indústrias e do consumidor, isto é, a sugestão da ética ambiental biocêntrica e o comportamento ético do consumidor vegano poderão convir como menção para as indústrias reorganizarem sua forma de produção e influenciar de maneira expressiva o modo como os consumidores têm suas necessidades supridas e, paralelamente, colaborar para a diminuição da degradação do ambiente natural<sup>62</sup>.

---

58 *Ibidem*.

59 *Ibidem*.

60 FELIPE, 2009, *op. cit.*

61 FELIPE, 2009, *op. cit.*

62 SCHULTE, *op. cit.*

Matilda Lee<sup>63</sup> afirma a importância da responsabilidade dos profissionais de moda com o meio ambiente. Portanto, estilistas e marcas têm compromissos sérios com os consumidores, seus trabalhadores e com a saúde do próprio planeta, e devem observar que o fato de essa responsabilidade ser comumente ignorada é uma das maiores tragédias do mundo da moda<sup>64</sup>.

Lee<sup>65</sup> levanta também questionamentos a respeito das indústrias e as consequências que as imensas produções anuais causam para a natureza, como no caso de Peter Donath, antigo diretor de química e meio ambiente, saúde e segurança da gigante química CIBA (atualmente parte da Huntsman). Com relação ao caso, Lee<sup>66</sup> afirma que estilbenes estão entre os produtos químicos mais usados, gastando mais de 300 mil toneladas por ano na fabricação de papel, sabão e têxteis e são tóxicos para os peixes e podem causar reações alérgicas na pele quando esta, depois de ter entrado em contato com o produto, é exposta ao sol.

Para Fletcher<sup>67</sup>, a utilização de algumas matérias-primas animais em confecções passa por processos extremamente tóxicos. Um exemplo disso é a produção do couro, pois durante o processo a pele é retirada do animal e, em seguida, é realizada a limpeza dos pelos e proteínas soltas na pele<sup>68</sup>. Posteriormente, é feito o curtimento, neste caso, estima-se que pelo menos 90% do couro ao redor do mundo seja curtido com cromo. Salienta-se que a maior utilização é do cromo III, considerado seguro para o organismo humano, no entanto, se ocorrer a oxidação do cromo III, ele pode vir a se tornar cromo VI, altamente cancerígeno<sup>69</sup>. Outro caso é a criação de ovelhas, pois o banho desses animais inclui organofosforados, que podem causar sérios danos neurológicos aos seres humanos, sem contar que a manufatura de lã envolve pesados agentes de limpeza e alvejantes para lavar e branquear a fibra<sup>70</sup>.

63 LEE, Matilda. **Eco Chic**: guia de moda ética para a consumidora consciente. São Paulo: Larousse do Brasil, 2009.

64 Ibidem.

65 Ibidem.

66 Ibidem.

67 FLETCHER; GRASE, op. cit.

68 LEE, op. cit.

69 LEE, op. cit.

70 Ibidem.



Por conseguinte, dentro do que é considerado moda vegana, pode-se ainda encontrar algumas distinções de ideologias, por exemplo: a) a moda vegana preocupada somente com o bem-estar animal, atenta em utilizar somente materiais que não contenham origem animal, independentemente se ocorrerá algum impacto ao meio ambiente; e, por outro lado, b) a moda vegana sustentável que, além de se preocupar com os direitos animais e seja isenta de matéria-prima animal, foca os cuidados com a pré e a pós-produção de seus produtos para que não ocorra degradação ao meio ambiente.

### 3 VEGANISMO E ECOVEGANISMO

Ao abordar questões que tangem aos estudos acerca do veganismo, faz-se necessária a compreensão de que existem algumas variações ideológicas dentro do próprio grupo. Sendo assim, serão discorridos dois pontos centrais: a) Veganismo, surgindo do pressuposto da preocupação com o indivíduo, seja ele animal humano ou não humano; e b) Ecoveganismo, que nasce à mercê da ideia da preocupação não somente do sujeito, mas também do coletivo, seja ele animal humano, não humano e o ambiente, isto é, trazendo o meio em que vivemos como “sujeito” que necessita de um novo olhar, de uma nova atenção<sup>71</sup>.

Segundo os estudos de Dennis Zaghera Bluwol<sup>72</sup>, pode-se fazer uma reflexão sobre o veganismo, o ambientalismo e o ecoveganismo, apontando os prós e contras dos dois primeiros grupos citados e unindo seus benefícios para a compreensão do termo ecoveganismo. Para o pesquisador, há um salto qualitativo dado pelo veganismo, ou pelas teorias sobre direitos dos animais, em relação ao ambientalismo, pois se observa a passagem de uma visão de mundo puramente coletivista para uma que se atenta aos entes concretos.

Bluwol<sup>73</sup> relaciona a questão do coletivo trabalhado pelo ambientalismo numa visão vegana, isto é, a coletividade traz consigo uma carga que

71 BLUWOL, Dennis Zaghera. **Veganismo e Ecoveganismo**: conceitos fundamentais. 2018. Disponível em: <[http://ecoveganismo.blogspot.com/2018/08/veganismo-e-ecoveganismo-conceitos\\_10.html](http://ecoveganismo.blogspot.com/2018/08/veganismo-e-ecoveganismo-conceitos_10.html)>. Acesso em: 18 set. 2018.

72 Ibidem.

73 BLUWOL, op. cit.



também pode ser maléfica para todos os seres que habitam uma determinada sociedade ou ambiente, se partirmos do pressuposto de entendimento massificado, sem o devido cuidado com cada ente participante. Analogamente, Mendonça<sup>74</sup> discorre em seu artigo "*Individualismo na ética ambiental biocêntrica*", sobre os pensamentos de Paul W. Taylor acerca da ética biocêntrica, o qual afirmava que ao se tratar de ética, acreditava que o valor se encontrava em cada singularidade e não em uma categoria abstrata e plural. Sendo assim, Taylor afirmava que jamais poderia ser sacrificado o bem inerente de um indivíduo em nome do bem comum de sua espécie, citando, por exemplo, matar um humano em nome da melhora das condições de vida da humanidade; ou matar um animal ou um conjunto de animais para restituir o equilíbrio de um ecossistema. Em sua visão cada ente vivo é levado em consideração dentro de sua singularidade<sup>75</sup>.

Por conseguinte, entende-se a valoração no que se refere a pensarmos na importância de compreendermos cada sujeito na sua essência e na sua particularidade, não somente no grupo a que pertence, mas em qual o papel significativo desse ser para a coletividade<sup>76</sup>. Por outro lado, Bruwol<sup>77</sup> também aponta algumas questões reflexivas a atitudes veganas, pois compreende que, na postura vegana de atenção aos indivíduos, há também um problema, afinal a atenção delimita-se somente aos indivíduos e deve-se ter a consciência global, respeitando os ecossistemas e os sujeitos. Percebe-se, assim, que a aversão entre os dois já é problemática, não há respeito a um sem respeito ao outro e todos os indivíduos são peças fundamentais para sobrevivência própria, devido às inúmeras relações ecossistêmicas nas quais estão inseridos<sup>78</sup>.

Bluwol<sup>79</sup> complementa sugerindo a aderência ao termo Ecoveganismo, partindo da reflexão de que o veganismo se refere ao trato e respeito a cada animal como merecedor de respeito aos seus interesses específicos,

74 MENDONÇA, Rafael. Individualismo na ética ambiental biocêntrica. *Ética@*, Florianópolis, v. 7, n. 3, p. 59-69, 2007. DOI: 10.5007/1677-2954.2008v7n3p59.

75 Ibidem.

76 FELIPE, Sônia. *Ética e Experimentação Animal: Fundamentos Abolicionistas*. Florianópolis: UFSC, 2007.

77 BLUWOL, op. cit.

78 Ibidem.

79 Ibidem.



não passível de ser propriedade de outro ser e como merecedor de liberdade. Assim sendo, é perceptível a preocupação do autor em ressaltar a importância do elo entre o coletivo e o indivíduo e que não é possível pensar somente em um deles, que para um bom funcionamento do ecossistema, para as melhorias tanto pensando no bem de um ser humano quanto em uma floresta, por exemplo, precisa haver essa aliança benéfica<sup>80</sup>.

Afinal, assim como o ser humano se utiliza de recursos naturais para sua existência (na maioria das vezes extrapolando e causando impactos negativos), existem atitudes individuais que podem colaborar tanto com a natureza quanto com a coletividade<sup>81</sup>. Salienta-se ainda que, dentro de uma visão que engloba todos os entes envolvidos, Schult<sup>82</sup> discorre a respeito dessa conexão entre seres e o ambiente, sugerindo que para uma mudança na atual visão de mundo, em que humanos percebem a natureza apenas como fonte de recursos naturais, é preciso que eles concebam a interdependência fundamental de todos os fenômenos. Para Schult<sup>83</sup>, a proposta da ecologia profunda é não separar seres humanos, ou qualquer outra coisa, do meio ambiente natural, pois deve-se considerar o mundo como uma rede de fenômenos que estão fundamentalmente interconectados e interdependentes, reconhecer o valor intrínseco de todos os seres vivos e conceber os humanos apenas como um fio particular na teia da vida. A ecologia profunda se diferencia da chamada “ecologia rasa”, que é antropocêntrica, centralizada no ser humano que, por sua vez, se situa acima ou fora da natureza, como a fonte de todos os valores, e atribui apenas um valor instrumental à natureza<sup>84</sup>.

Sendo assim, observa-se que o ser humano faz parte de uma imensa rede interligada com todos os outros seres, e constitui-se como parte integrante sem maior ou menor valia, retirando sua “soberania” perante os indivíduos que constituem a natureza como um todo, ou seja, a desconstrução de um conceito antropocêntrico<sup>85</sup>. Pesquisadores levantam

---

80 BLUWOL, op. cit.

81 Ibidem.

82 SCHULTE, op. cit.

83 Ibidem.

84 Ibidem.

85 FELIPE, 2009, op. cit.



reflexões acerca de como alguns grupos podem colaborar com uma moda mais consciente, ética e sustentável<sup>86,87,88,89</sup>. Pode-se afirmar que um desses grupos é a dos veganos, cuja visão de mundo parece se aproximar dos fundamentos propostos pela ética ambiental biocêntrica para uma relação mais ética dos humanos com o ambiente natural<sup>90</sup>. Conforme essa ponderação, observa-se a existência de um fator facilitador para os veganos contribuírem com o meio ambiente, afinal, já existem discussões sensibilizadas acerca do que é ser ético, consciente e da preocupação com o outro (humano e não humano)<sup>91</sup>.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar de a humanidade ter se desenvolvido em muitos quesitos, principalmente no que se refere às variadas tecnologias criadas ao longo da história, algumas outras questões deixam a desejar, como a consciência sustentável e a empatia com outras espécies. Questões afetivas, emocionais e psicológicas movimentam diariamente a vida de milhares de seres humanos, pessoas tentando atingir o máximo de clareza possível em suas vidas. No entanto, essas reflexões giram em torno do próprio sujeito pensante e no que isso pode ser utilizado ao seu favor. Sendo assim, assuntos que tangem ao bem-estar de seus semelhantes e, principalmente, de outros seres vivos, ainda precisam de maior maturação.

Pensar em sustentabilidade e no respeito a outras espécies animais para a obtenção de um mundo melhor faz com que os seres humanos deixem de lado seu potencial hedonista e prepotente. Um dos caminhos para a construção coletiva da ética e consciência ambiental seria a mudança de alguns hábitos como, por exemplo, refletir sobre o que ingerimos e sobre o que vestimos.

---

86 SCHULTE, op. cit.

87 FELIPE, 2007, op. cit.

88 SALCEDO, op. cit.

89 FLETCHER; GRASE, op. cit.

90 FELIPE, 2009, op. cit.

91 SCHULTE, op. cit.



A priori, foi possível perceber o diálogo entre as teorias de autores das áreas da sociologia, história, filosofia, moda, veganismo e sustentabilidade e os desdobramentos acerca de como a sociedade ocidental foi se constituindo ao longo das décadas com relação ao seu olhar para o meio ambiente. Tanto no que se referem às lutas em relação à preservação e aos menores impactos ambientais quanto aos animais, discorrendo sobre seu papel no planeta Terra, sua senciência e seus direitos enquanto ser que possuem uma vida em particular com os outros seres da mesma espécie ou espécies diferentes e não como seres que foram objetificados pelos humanos e utilizados como meros produtos alimentícios e de vestuário. Junto a isso, é importante perceber o papel da indústria da moda e seus impactos gerados ao longo da história trazendo discussões de diferentes especialistas.

Percebeu-se que o veganismo está ligado a uma forte corrente de proteção ao animal em específico e não necessariamente ao ecossistema como um todo. Nem tudo que é vegano pode ser considerado sustentável e nem tudo que é sustentável pode ser considerado vegano. Assim sendo, pode-se dizer que, a partir desse pensamento, algumas pessoas, ao se preocuparem com as duas questões, tanto com o meio ambiente quanto com os animais, decidiram entrar nessa causa mostrando que é possível uma consciência maior e global. Por conseguinte, a visibilidade dessas questões faz com que se amplie um novo mercado para variados consumidores que procuram seu espaço como foi possível perceber com empreendimentos não somente de roupas veganas, mas também de roupas para um público mais específico ainda, o público vegano e sustentável, decorrendo assim o surgimento de novas fibras e também de novas nomenclaturas como o ecoveganismo.

Por fim, salienta-se que o respectivo artigo foi de suma importância não somente para as questões ligadas a um nicho específico como o vegano ou o ecovegano, mas também para a visibilidade das inúmeras possibilidades e vieses ligados à moda para outros públicos, a fim de difundir assuntos ligados ao veganismo e à sustentabilidade com maior amplitude, seja pelo meio acadêmico seja pelo informal.

## REFERÊNCIAS

- BAUDRILLARD, Jean. **A sociedade de consumo**. Tradução de Artur Morão. Lisboa: Edições 70, 2005.
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- BLUWOL, Dennis Zagha. **Veganismo e Ecoveganismo: conceitos fundamentais**. 2018. Disponível em: <[http://ecoveganismo.blogspot.com/2018/08/veganismo-e-ecoveganismo-conceitos\\_10.html](http://ecoveganismo.blogspot.com/2018/08/veganismo-e-ecoveganismo-conceitos_10.html)>. Acesso em: 18 set. 2018.
- FELIPE, Sônia. **Antropocentrismo, sencientismo e biocentrismo: Perspectivas éticas abolicionistas, bem-estaristas e conservadoras e o estatuto de animais não-humanos**. 2009. Disponível em: <<https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/PF/article/view/864/1168>>. Acesso em: 2 out. 2017.
- \_\_\_\_\_. **Ética e Experimentação Animal: Fundamentos Abolicionistas**. Florianópolis: UFSC, 2007.
- FLETCHER, Kate; GRASE, Lynda (Org.). **Moda & Sustentabilidade: design para mudança**. São Paulo: Editora Senac, 2011.
- GOMES, Raimunda Kelly Silva; NAKAYAMA, Luiza. A Educação Ambiental formal como Princípio da Sustentabilidade na Práxis Educativa. **REMEA – Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental**, Volume Especial, p. 11-39, jul./dez. 2016. Disponível em: <<https://periodicos.furg.br/remea/article/view/5280/4347>>. Acesso em: 23 out. 2018.
- LEE, Matilda. **Eco Chic: guia de moda ética para a consumidora consciente**. São Paulo: Larousse do Brasil, 2009.
- LIPOVETSKY, Gilles. **A era do vazio: ensaios sobre o individualismo contemporâneo**. Tradução de Therezinha Monteiro Deutsch. Barueri, SP: Manole, 2005.
- \_\_\_\_\_. **O império do efêmero: a moda e seu destino nas sociedades modernas**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- LURIE, Alison. **A linguagem das roupas**. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.
- MENDONÇA, Rafael. Individualismo na ética ambiental biocêntrica. **Étic@**, Florianópolis, v. 7, n 3, p. 59-69, 2007. DOI: 10.5007/1677-2954.2008v7n3p59.
- SALCEDO, Elena. **Moda ética para um futuro sustentável**. Tradução de Denis Fracalossi. Barcelona: G. Gili, SI, 2014.
- SCHULTE, Neide Köhler. **Contribuições da ética ambiental biocêntrica e do veganismo para o design do vestuário sustentável**. 2011. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro, 2011.
- SINGER, Peter. **Libertação Animal**. Tradução de Marly Winck. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

